

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral — Agrupamento 2 — 3 horas semanais

Duração da prova: 120 minutos
2000

1.ª FASE
1.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE HISTÓRIA DA ARTE

COTAÇÕES

GRUPO I

(Respostas obrigatórias)

1. 30 pontos
2. 30 pontos

GRUPO II

(Respostas obrigatórias)

1. 60 pontos
2. 40 pontos

GRUPO III

(Respostas em alternativa)

1. ou 2. 40 pontos

Total

200 pontos

V.S.F.F.

124/C/1

CRITÉRIOS DE CLASSIFICAÇÃO

A classificação da prova deve ter como base os seguintes aspectos:

- rigor científico;
- objectividade, clareza e coerência da resposta;
- capacidade de leitura da obra de arte, considerando o seu enquadramento histórico e artístico.

NOTA:

Em relação a cada resposta, enunciam-se os conteúdos essenciais a ter em conta para uma cotação total.

Estes conteúdos podem ser articulados pelo examinando de diversos modos, desde que se enquadrem nos objectivos visados.

O professor corrector deverá considerar se, ainda que através de referências não contidas nos tópicos propostos, o examinando revela conhecimento das matérias sobre que incidem as perguntas e, conseqüentemente, avaliar a sua adequação e a profundidade das respostas.

TÓPICOS

GRUPO I

(Respostas obrigatórias)

1. Abandono das formas tradicionais de pintura realizada em atelier e a procura de inspiração no contacto com a Natureza, que é pintada directamente no local, com intenção de representá-la com toda a autenticidade; temas determinados pela pintura de ar livre: paisagens, cenas da vida e do trabalho no campo. O método de pintura perante o motivo, a forma de representação pictórica da cor e da luz, e até mesmo a atenção dada às suas mutações, tornam a pintura do grupo de Barbizon precursora do Impressionismo.
2. Entrada tardia (início da década de 80) por influência da obra dos artistas bolseiros em Paris, especialmente Silva Porto, que havia estado em Barbizon, tendo assimilado aí o método de pintura de ar livre e a temática característica. Impõe-se e domina o gosto do meio artístico e da sociedade, até muito mais tarde do que aconteceu no resto da Europa. São representantes do Naturalismo, para além de Silva Porto: Marques de Oliveira, Malhoa, João Vaz, Sousa Pinto e Columbano (este com obra de características específicas). São temas predominantes: paisagens rurais e marinhas, cenas bucólicas, ambientes rurais e urbanos e, principalmente em Columbano, cenas da vida urbana, burguesa e o retrato.

GRUPO II

(Respostas obrigatórias)

1. Desenvolvimento, nas décadas de 80 e 90 do século XIX e no século XX até à Primeira Guerra Mundial, quase simultâneo em diferentes centros urbanos industriais europeus e da América do Norte. Combate a desolação urbana, causada pela industrialização, propondo que a arte deve «embelezar» a cidade, tornando-a agradável, alegre e moderna. Nesse sentido, condena os estilos históricos/revivalistas, promovendo uma estética orgânica inspirada na Natureza e no Homem (Mulher). Aceita os novos materiais, explorando simultaneamente as suas capacidades técnicas e estéticas, observando-se já, em alguns edifícios, uma decoração com valor funcional de que resulta uma característica moderna de continuidade espacial. A linguagem da Arte Nova estende-se da Arquitectura – entendida na sua integração urbana – às Artes Decorativas, numa proposta de aproximação das artes «maiores» às artes aplicadas.

2. Tal como fez William Morris, a Arte Nova condena a degradação da cidade industrial. W. Morris evita-a, defendendo a fuga para a Natureza; a Arte Nova procura uma solução, promovendo a «invasão» da cidade por uma segunda natureza – formas orgânicas na decoração da Arquitectura e do mobiliário urbano. A Arte Nova (no que deriva dos ideais de W. Morris) promove uma ligação ou unidade das Artes, estabelecendo uma continuidade estilística entre a Arquitectura, o mobiliário urbano e o mobiliário doméstico.

GRUPO III

(Respostas em alternativa, 1. ou 2.)

(Se o aluno responder às duas questões, apenas será considerada a sua primeira resposta.)

1. Relação inicial e ruptura com o Dadaísmo. Utilização da representação simbólica, fazendo apelo ao imaginário e ao fantástico, como expressão dos níveis do inconsciente humano. A relação intensa estabelecida entre escritores e artistas plásticos surrealistas leva à «escrita automática» como técnica, e à palavra como elemento integrante da composição pictórica. Desenvolvimento de técnicas artísticas baseadas nos automatismos psíquicos, como a construção de «assemblages», utilizando os chamados *objets trouvés*. No domínio pictórico, o Surrealismo utilizou todos os meios técnicos já experimentados, quer os mais inovadores, quer os assumidamente convencionais, não pretendendo inovar nesse campo.
2. Corrente racionalista da Arquitectura do século XX, desenvolve-se na conjuntura social do pós-Primeira Guerra Mundial (desenvolvimento da indústria/crescimento da população urbana/desenvolvimento e mecanização dos serviços e transportes). Defende, como princípios, a prioridade do planeamento urbano sobre o projecto arquitectónico, a máxima economia na utilização dos solos e na construção, a racionalidade das formas arquitectónicas na resposta às necessidades detectadas e o recurso sistemático à tecnologia industrial (padronização, prefabricação, seriação). Figura central é o arquitecto Le Corbusier que estabelece o sistema construtivo Dom-ino – pilares/placa de betão. A sua adopção tornou possível pôr em prática os princípios da planta-livre e espaço contínuo, necessários ao projecto racional de qualquer tipo de edifício adaptável às exigências dos seus habitantes ou utentes. Foi rápida a expansão deste sistema e destes princípios, para a qual contribuiu a acção dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna.

V.S.F.F.

124/C/3